
A URBANIZAÇÃO NAS ÁREAS DE CERRADO: ALGUMAS NOTAS

Roberto Lobato Corrêa

Prof. Dr. do Dep. de Geografia - IGEO - UFRJ

O processo de globalização que a partir do final da 2ª Guerra Mundial é, sob a égide das grandes corporações multifuncionais e multilocalizadas, posto em marcha, implicou, entre outros aspectos, numa nova divisão territorial do trabalho que redefiniu o papel das diversas cidades e áreas, a partir de então integradas numa economia global¹.

No Brasil a globalização econômica implicou, por exemplo, na modernização do campo, na incorporação de novas áreas ao processo produtivo global, em novos padrões de mobilidade espacial da população, em novas funcionalidades urbanas, novas cidades e em novas redes de interações espaciais². Todas essas implicações estão interligadas entre si e são, por outro lado, criadoras de novas diferenças espaciais³.

A partir de 1970 o processo de modernização do campo afetou progressivamente grande parte do território brasileiro, aí incluindo-se tanto áreas de florestas como de campos, caatinga e cerrado, neste último caso abrangendo parte dos Estados de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais, Bahia, Tocantins, Piauí e Maranhão. Nesse processo de modernização do campo a tradicional e rígida oposição entre áreas de vegetação aberta, como o cerrado, associadas à pecuária extensiva, e as áreas de floresta,

associadas à agricultura, é fortemente minimizada: a pecuária expande-se, mais e mais, nas áreas de mata e a agricultura invade áreas de campos, caatinga e cerrado⁴.

Os impactos da modernização do campo foram enormes, porém diferenciados, ao se tratar de áreas previamente pastoris ou agrícolas. Tais impactos dizem respeito à estrutura fundiária, às relações sociais de produção, aos sistemas agrícolas, à pauta dos produtos cultivados e ao habitat rural. A paisagem agrária, expressão fenomênica das alterações verificadas, foi também profundamente alterada. A descrição de Haesbaert a este respeito, reportando-se à região do Oeste baiano, é exemplar:

“... vistas do alto, surgem estradas que parecem retas sem fim, gigantescos quadriláteros que desnudam os cerrados para dar lugar à soja, imensos silos igualmente geométricos, círculos enormes de “pivôs centrais” que quebram o imperialismo da linha reta mas impõem igualmente a norma matemática quase perfeita”⁵.

Outro impacto diz respeito à mobilidade demográfica que foi muito ampliada, introduzindo novos tipos sociais, muitos dos quais provenientes

-
1. Ver Milton Santos, “Os Espaços da Globalização”, in Anais do 3o Simpósio Nacional de Geografia Urbana. Rio de Janeiro, Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1993.
 2. Ver Bertha K. Becker e Cláudio A.G. Egler, “Brasil - Uma Nova Potência Regional na Economia - Mundo. Rio de Janeiro, Bertrand-Brasil, 1993.
 3. Sobre o assunto consulte-se John Browett, “On the Necessity and Inevitability of Uneven Spatial Development under Capitalism”. International Journal of Urban and Regional Research, 8(2), 1984.
 4. Em relação à área de cerrado comparem-se, por exemplo, os estudos realizados por Maurício Coelho Vieira, “A Pecuária” e Elvia Roque Steffan, “A Agricultura”, realizados com dados da década de 1950, no livro “Grande Região Centro-Oeste”, Rio de Janeiro, Conselho Nacional de Geografia, 1960, com o estudo “Região do Cerrado - Caracterização do Desenvolvimento do Espaço Rural”, Rio de Janeiro, IBGE, 1976, que se reporta à “expansão da agricultura na região do cerrado”. A consulta a Leo Waibel, “A Vegetação e o Uso da Terra no Planalto Central”, Revista Brasileira de Geografia, 10(3), 1948, é extremamente útil.
 5. Rogério Haesbaert, “Redes, Territórios e Aglomerados: Da Forma = Função às (Dis)Formas sem Função”, in Anais do 3o Simpósio Nacional de Geografia Urbana. Rio de Janeiro, Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1993.

dos estados sulinos e de São Paulo: fazendeiros, capitalistas, colonos de origem européia, camponeses expropriados, assim como pessoas com atividades eminentemente urbanas. A composição social e cultural torna-se mais complexa, exprimindo-se pela oposição entre “paulistas” e “gaúchos”, de um lado, e a população de raízes regionais, de outro, mas também em alianças entre as elites tradicionais e os recém-chegados bem sucedidos⁶.

II

Vejam os como a modernização do campo afetou a urbanização. Deve-se, contudo, apontar que as transformações verificadas na urbanização não são totalmente dependentes da modernização do campo. O urbano possui também seu próprio movimento, dotado de uma relativa autonomia e dependente dos mesmos processos gerais que suscitaram a modernização do campo, processos esses centrados na dinâmica da acumulação de capital e nos conflitos sociais. E essa autonomia relativa é tanto maior quanto maior for o centro urbano⁷. Neste sentido algumas das transformações verificadas não são derivadas das mudanças que afetaram o campo, nem exclusivas das áreas de cerrado.

Ressalte-se, contudo, que as transformações no campo tornaram possível que algumas outras inovações fossem adotadas nas cidades das regiões agrícolas modernizadas. Essas regiões constituem aquilo que Milton Santos denomina de regiões agrícolas, e não rurais, que contêm cidades que estão adaptadas às demandas da agricultura. Diz o referido autor⁸.

“... nas regiões agrícolas é o campo que, sobretudo, comanda a vida econômica e social do sistema urbano (sobretudo dos níveis inferiores da escala) ...”

A modernização do campo nas áreas de

cerrado implicou, de um lado, numa refuncionalização dos centros urbanos pré-existentes e, de outro, na criação de novos núcleos. No conjunto as diversas redes urbanas regionais

“... definidas em função da antiga configuração destas áreas se redefinem e se vêem superpostas por novas redes urbanas ... (que) ... surgem das novas e maiores necessidades colocadas pela agricultura moderna ... e pelos novos agentes direta ou indiretamente ligados a estas atividades, que redefinem a hierarquia e as funções das cidades existentes e promovem o aparecimento de outras aglomerações urbanas”⁹

A refuncionalização dos centros pré-existentes é notável. Anteriormente à modernização do campo, particularmente à difusão da soja, a rede urbana apresentava-se com pequeno grau de articulação interna, tendo sido estruturada em função da baixa densidade demográfica e econômica, assim como do limitado dinamismo das áreas pastoris. Os centros urbanos, em sua maioria, refletiam nitidamente o nível de ocupação e desenvolvimento das áreas de cerrado.

A refuncionalização se dá a partir de novas atividades provenientes de fora e que são implantadas visando atender, de um lado, às demandas da agricultura - crédito, insumos, maquinário, beneficiamento, estocagem - e dos novos produtores, que não apenas são mais numerosos como também dispõem de renda para o consumo pessoal. Os centros urbanos tornam-se simultaneamente reflexos da modernização do campo e condicionantes de sua reprodução¹⁰.

A refuncionalização implica também em novos padrões de interações espaciais, padrões que são viabilizados pelas redes técnicas implantadas e que acompanham ou precedem a modernização do campo. Os novos padrões caracterizam-se pela importância de fluxos a longa distância e às ligações

6. Rogério Haesbaert, op. cit.

7. Milton Santos, “A Urbanização Brasileira”, São Paulo, HUCITEC, 1993, cap. 7.

8. Milton Santos, op. cit., pp. 68.

9. Milton Santos Filho, “O Processo de Urbanização no Oeste Baiano”. Recife, SUDENE, 1989, pp. 22.

10. Milton Santos Filho, op. cit.

com outros centros urbanos com os quais não mantinham interações no passado. Ao mesmo tempo as interações espaciais tradicionais, definidas por sua natureza tipicamente hierárquica, permanecem, agora porém com a participação mais efetiva de centros que ascenderam na hierarquia urbana, a exemplo de Barreiras e Rondonópolis.

Mas os centros urbanos são submetidos também aos impactos negativos da modernização do campo. Tornam-se também locais de concentração de uma força de trabalho que vive à procura de empregos seja no campo modernizado e por isso mesmo pouco absorvedor de mão-de-obra, seja no urbano que tem sua demanda saturada. Essa nova forma de pobreza urbana é originária das correntes migratórias decorrentes da própria modernização do campo em outras áreas do País, da incapacidade de expansão demográfica da agricultura de subsistência regional, da grilagem deterras que expulsa pequenos produtores e de uma população também expulsa do campo em razão de desapropriações efetivadas para a construção de barragens¹¹.

A refuncionalização dos centros urbanos apresenta assim, uma dupla face que, entretanto, está estruturalmente associada.

A rede urbana das áreas de cerrado, por outro lado, teve a sua origem em razão da mineração (Cuiabá, Goiás e Diamantino, entre outros), das necessidades de defesa (Miranda, por exemplo), da pecuária (Itaberá, Aquidauana, Campo Grande e Anápolis, entre outros) e da circulação, como se exemplifica com a cidade de Três Lagoas¹².

A agricultura, enquanto atividade capaz de induzir o aparecimento de núcleos urbanos, demandou o aparecimento de centros urbanos onde ela foi desenvolvida, isto é, nas áreas de floresta, como se exemplifica com as cidades da região do "Mato Grosso de Goiás".

A agricultura moderna que transformou as áreas de cerrado foi, entretanto, capaz de induzir ao aparecimento de novos núcleos que são, ou serão, de natureza predominantemente urbana, ainda que de pequenas dimensões. São núcleos recentes, inexistentes na década de 1970 e mesmo na primeira metade da década de 1980.

Entre os núcleos criados nas áreas de cerrado estão, no caso do Oeste baiano, Mimoso do Oeste, Novo Paraná, Roda Velha, Bela Vista, Balsas e Águas Claras¹³. Estas criações têm como agentes, de um lado, empresas dedicadas à valorização fundiária através de loteamentos urbanos em áreas de expansão agrícola, como se exemplifica com Mimoso do Oeste, mas também resultam da aglomeração em torno de unidades técnicas vinculadas às grandes empresas do setor de grãos, a exemplo de Roda Velha.

Os pequenos e recentes núcleos são locais de concentração da força de trabalho e de prestação de serviços vinculados à agricultura moderna. Nas palavras de Milton Santos Filho¹⁴.

"A rede urbana em vias de constituição nos cerrados se caracteriza por se estruturar em torno das necessidades de mobilização da força de trabalho, de serviços e outras atividades de apoio oriundas da expansão da agricultura moderna".

Os novos núcleos são, assim, criações de empreendimentos capitalistas, voltados para uma agricultura moderna, capitalista. Associam-se a uma paisagem agrária moderna, sem homens, porque eles constituem-se nos locais onde esses homens, transformados em força de trabalho, residem.

Os novos núcleos das áreas de cerrado assemelham-se, em parte, aos núcleos urbanos criados pelas empresas de colonização no Oeste paulista e Norte paranaense; mas assemelham-se também aos núcleos espontâneos criados na Amazônia, na medida que, como eles, são locais de concentração e mobilização da força de trabalho.

11. Milton Santos Filho, op. cit.

12. Veja-se Maria Magdalena Vieira Pinto, "Núcleos Urbanos", in "Grande Região Centro-Oeste". Rio de Janeiro, Conselho Nacional de Geografia, 1960.

13. Milton Santos Filho, op. cit. 14 - Milton Santos Filho, op. cit., pp. 146.

III

O acompanhamento do processo de urbanização das áreas de cerrado, especialmente a partir das novas criações, aparece como tarefa importante para aqueles que se dedicam à análise da dimensão espacial da sociedade brasileira e sua dinâmica. Poucos são os países onde é possível, no final do século XX, assistir ao nascimento de células urbanas em regiões de ocupação recente ou que passam por um processo de revalorização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ver Milton Santos, "Os Espaços da Globalização", in Anais do 3o Simpósio Nacional de Geografia Urbana. Rio de Janeiro, Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1993.
- Ver Bertha K. Becker e Cláudio A.G. Egler, "Brasil - Uma Nova Potência Regional na Economia - Mundo. Rio de Janeiro, Bertrand-Brasil, 1993.
- Sobre o assunto consulte-se John Browett, "On the Necessity and Inevitability of Uneven Spatial Development under Capitalism". *International Journal of Urban and Regional Research*, 8(2), 1984.
- Em relação à área de cerrado comparem-se, por exemplo, os estudos realizados por Maurício Coelho Vieira, "A Pecuária" e Elvia Roque Steffan, "A Agricultura", realizados com dados da década de 1950, no livro "Grande Região Centro-Oeste", Rio de Janeiro, Conselho Nacional de Geografia, 1960, com o estudo "Região do Cerrado - Caracterização do Desenvolvimento do Espaço Rural", Rio de Janeiro, IBGE, 1976, que se reporta à "expansão da agricultura na região do cerrado". A consulta a Leo Waibel, "A Vegetação e o Uso da Terra no Planalto Central", *Revista Brasileira de Geografia*, 10(3), 1948, é extremamente útil.
- Rogério Haesbaert, "Redes, Territórios e Aglomerados: Da Forma = Função às (Dis)Formas sem Função", in Anais do 3o Simpósio Nacional de Geografia Urbana. Rio de Janeiro, Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1993.
- Rogério Haesbaert, op. cit.
- Milton Santos, "A Urbanização Brasileira", São Paulo, HUCITEC, 1993, cap. 7.
- Milton Santos, op. cit., pp. 68.
- Milton Santos Filho, "O Processo de Urbanização no Oeste Baiano". Recife, SUDENE, 1989, pp. 22.
- Milton Santos Filho, op. cit.
- Milton Santos Filho, op. cit.
- Veja-se Maria Magdalena Vieira Pinto, "Núcleos Urbanos", in "Grande Região Centro-Oeste". Rio de Janeiro, Conselho Nacional de Geografia, 1960.
- Milton Santos Filho, op. cit.14 - Milton Santos Filho, op. cit., pp. 146.